



O ÚLTIMO SAMBA

Eduardo Emílio Maurell Müller Neto

I

A gosto de 1930.

– Tem um homem morto aqui!

A barca Sétima atracou no *Pharoux*. Passava das 18 horas de uma segunda-feira fria de inverno. Do convés, os passageiros anunciavam aos gritos o episódio trágico ocorrido durante a travessia entre a Ilha do Governador e a Praça XV, na região portuária do Rio de Janeiro. No cais, um princípio de tumulto ganhava volume entre os que esperavam para retornar ao destino inicial da embarcação.

–Tem um homem morto na barca.

–Morto?

– Sim. Parece que teve um ataque e morreu.

– Que lugar para morrer.

A notícia se espalhava de boca em boca e causava mais indignação do que lamento. Os passageiros sabiam que a presença de um cadáver atrasaria o horário de partida da embarcação, alargando ainda mais o dia já findado com o baixar do sol. O vento úmido

e fresco rasgava a Baía de Guanabara e encontrava caminho entre a multidão, carregando retalhos de conversas entre desconhecidos em uma espécie de jogo de adivinhação sobre os motivos que culminaram na mórbida notícia, que rompeu a tranquilidade rotineira da espera cotidiana. No interior da barca, as pessoas se dividiam entre o sair apressado e o cercar curioso do corpo estendido em meio à passagem. Olhos carniceiros analisavam o defunto. Uma carcaça magra, ossuda, esparramada dentro de um terno velho e com tão poucos dentes na boca como os dedos que se contavam nas mãos. Ao perceberem encrustado no tecido do traje e no assoalho de madeira o jorro de sangue ressecado, cuspidos entre o tossir intermitente de uma última crise de hemoptise, os que ali permaneciam tomavam seus rumos apressados. A marca que desgraçara a vida do passageiro anônimo afugentava a todos que temiam pela doença cujo nome era proibido mencionar para não trazer má sorte.

— Olha! É ela.

— Com certeza, ele morreu pela maldita.

— Vamos, vamos embora daqui.

— Deus me perdoe, não quero ser a próxima.

A tuberculose grassava pela cidade com a destreza de um esgrimista, escolhia as suas vítimas sem critério, mas com predileção especial pelos que mal tinham para a subsistência, os boêmios e os de compleição esquelética. A doença matava aos milhares no Rio de Janeiro. A epidemia descontrolada deixava sua marca nos enfermos tal qual ferro incandescente em couro de gado. Não somente a vítima, mas todos que com ela conviviam eram alcançados por uma onda de preconceito e intolerância. As suas presas

sucumbiam à solidão moribunda antes mesmo do golpe fatal do bacilo, em uma morte social decorrente do pavor do contágio e da falta de uma resposta da ciência capaz de interromper o processo infeccioso, que na maior parte das vezes levava o doente a óbito com velocidade comparada popularmente ao galope de um cavalo.

Aos mais abastados, mas com os pulmões igualmente desgraçados pela tísica, restava a esperança derradeira do isolamento em sanatórios nas regiões denominadas como de bom clima. Nessas cidades sanitárias, eles ressurgiam em nova vida permeada por regras rígidas de convivência e um esperar confuso entre a cura — incerta — e o falecimento, presente na rotina dos tossidores. Os homens e mulheres condenados à vida sanatorial criavam forçosamente outros laços de amizade e até mesmo linguajar próprio, uma novílingua Orweliana calcada em aspectos físicos e emocionais da doença. Aos que nada tinham, a morte pública despontava como fim inevitável. Este foi o destino do defunto na barca.

Ele era apenas mais um a engordar a estatística dos que viviam de esconder a doença no dia a dia apressado da cidade grande até que ela lhe rebentasse no peito aflito. Não restou nenhum passageiro no interior da barca. Somente um marinheiro acompanhava de longe o pobre coitado à espera do recolhimento para identificação e realização dos trâmites burocráticos que antecedem os ritos funerários. No outro dia, logo cedo pela manhã, os jornais anunciavam o fim do mistério. A identidade revelada do tuberculoso deixava a cidade em choque e luto. A tísica colhida desta feita um nome popular entre os que gastavam suas horas de lazer na orgia dos bares e gafeiras da capital. Foi Sinhô, o intitulado Rei do Samba, a quem o bacilo elegeu para avançar

impiedosamente sobre os pulmões até que sangrasse pela boca no grito final de agonia.

II

Novembro de 1928.

— Sinhô, Sinhô! Seu disco é um sucesso. O samba Jura está na boca do povo. Todos cantam seus versos.

Com as mãos em concha tapando a boca, Sinhô tentava inutilmente disfarçar os espaços vazios da dentição amarelada. Ele não continha o sorriso fácil e a euforia da boa nova. O sucesso de Jura impulsionava novamente sua carreira. O Rei do Samba permanecia em plena forma artística e querido pelos admiradores da sua música. A sua saúde, no entanto, dava sinais mais evidentes de que não acompanhava o seu desempenho junto ao piano. Sinhô emagreceu nos últimos meses, andava abatido e com alguma falta de ar ao fazer esforço continuado. Ele animava o seu público em noitadas intermináveis. Ao amanhecer, estava exausto. O sucesso não lhe rendia dinheiro. Sinhô precisava seguir nas madrugadas como músico contratado para pagar as contas e dívidas que só faziam aumentar.

— Como está Sinhô? — perguntava um amigo

— Esta rouquidão não me larga — respondia um Sinhô trêmulo e febril.

O compositor carregava indisfarçavelmente no peito a inquietude da consumpção. Na busca por melhores ares, ele exilou-se por escolha própria na tranquilidade da Ilha do Governador, e

vivia em situação de precariedade, abandonado por aqueles que se locupletaram às custas dos seus sucessos musicais. Ao gênio criador nada restou, tão somente a miséria, a doença e uma companheira que cuidou com alguma dedicação da sua saúde debilitada nos seus anos derradeiros.

— Pobre Sinhô! — diziam em sussurros ao vê-lo definhando sobre o piano.

III

Agosto de 1930.

Sinhô tossiu compulsivamente durante todo o fim de semana. Não botou o pé para fora do barraco. Ele estava compenetrado em frente a um pedaço de papel no qual rabiscava versos e criava mentalmente uma harmonia. O seu pensamento voava livre e, por vezes, encontrava repouso e consolo nos anos recentes de glória. Um novo samba colocaria o seu nome mais uma vez entre os grandes, venderia discos e escaparia da situação de penúria. Do quarto, a sua companheira observava a frenética produção do compositor. Não o interrompia, sabia que a música era o remédio eficaz para os males do bolso e dos pulmões. No íntimo, ela também acreditava que podiam se reerguer. Gozar de prazeres esquecidos pelo passar do tempo e o avançar da doença. Ao acordar na manhã seguinte, ela viu que Sinhô seguia firme na sua missão musical. As horas passavam. O samba ganhava forma e parecia promissor. Quem sabe as pessoas não cantariam em coro pelas ruas no próximo carnaval. O dia estava gelado e úmido, irritando ainda mais a garganta do artista.

— Descansa um pouco.

— Não posso.

— Você comeu alguma coisa?

— Não dá tempo. Pegarei a próxima barca até a cidade para vender este samba.

— Espera amanhã. Já está tarde e faz frio na rua.

— Não. Tem que ser agora.

Sinhô vestiu um terno velho, dobrou cuidadosamente o papel com a letra do samba e guardou-o no bolso. Ele saiu apressado e esqueceu de se despedir da mulher. Só pensava no samba e de como poderia dar a volta por cima se encontrasse um comprador.

A barca estava quase zarpando quando Sinhô chegou ao cais. Apressou o passo, ensaiou uma corrida. Conteve-se. Seus pulmões ardiam. Sinhô embarcou cansado. Aprumou-se na proa e ficou a observar o mar da Baía de Guanabara. A água batia no casco, crispada pelo vento que encanava no interior da barca. Falta-lhe ar. O peito queimava. Tentava em vão segurar a tosse que vinha forte. Não sentiu sensação semelhante em nenhuma ocasião desde que soube do fatídico diagnóstico de tuberculose. As pessoas próximas a ele afastavam-se com receio dos sintomas clássicos da doença. Alguém perguntou:

— O senhor está bem?

Sinhô não tinha força para responder. Tossia compulsivamente. De tempo em tempo, ele colocava a mão direita na boca em uma inútil tentativa de cessar o desconforto. Logo irrompia um novo acesso, cada vez mais prolongado e sofrido. Sinhô lembrou-

-se do samba, da letra que mudaria sua vida. Certificou-se de que o papel permanecia no bolso do terno. Sorriu. Tossiu mais uma vez, e outra, e outra, até que veio a hemoptise. Um jorro largo de sangue correu seu corpo. Pôs novamente a mão no bolso como a proteger o papel salvador. Já não dava mais tempo. O coração diminuía o ritmo anunciando o fim da sua existência como se fosse o terminar de um samba. Sinhô caiu no assoalho de madeira também tomado pelo sangue. Ninguém socorreu Sinhô.

A barca Sétima atracou no Pharoux. Passava das 18 horas de uma segunda-feira fria de inverno. Do convés, os passageiros anunciavam aos gritos:

— Tem um homem morto aqui dentro.